

1221 - 2021 – 800 ANOS DA ELABORAÇÃO DA *MEMORIALE PROPOSITI*

1ª Contribuição

(Ottaviano Turrione, Ministro da Fraternidade de Cannara – Perugia,
com a colaboração de Frei Alfred Parambakathu, OFMConv.,
Assistente Geral da OFS)

MARCO HISTÓRICO

Premissa

A época de São Francisco (1182-1226), se insere no vasto fenômeno de renovação e renascimento social, econômico e religioso, que atravessa os séculos XI-XIII, durante os quais a sociedade feudal entra em crise e uma nova ordem, mais comunitária e civil, acompanhada de novos e interessantes fermentos religiosos começa a gestar.

Na Igreja, em razão da corrupção e a mundanidade que havia estado presente durante muito tempo, em vários níveis, a ingerência do poder político (imperadores do Sacro Império Romano Germânico, a partir de Carlos Magno - Século IX) e a nomeação de Bispos e o Papa, haviam contribuído em grande medida para contaminar o grau de moralidade de muitos membros da instituição eclesiástica.

1. Movimento reformista de origem Beneditina.

O fenômeno que passou para a história como "movimento reformador" da Igreja, começou no Mosteiro de Cluny na França, (Mosteiro de origem do Papa reformador Gregório VII) fundado em 910, com o objetivo de devolver a Igreja às suas origens evangélicas, facilitando o retorno à Regra de São Bento, como era originalmente. A força desse Mosteiro, que logo se transformou em um centro de alta espiritualidade, símbolo das mais autênticas aspirações espirituais da sociedade feudal e dependendo diretamente da Santa Sé, pois o Papa o havia retirado da jurisdição do Bispo – uma "Revolução" com respeito aos costumes daquele tempo, quando era comum que a dignidade de Bispo era dada a pessoas que eram bem-vindas ao poder político ou eram indicadas por ele.

Seguiram o exemplo de Cluny: o Mosteiro de Camaldoli (fundado por São Romualdo em 1012), de Vallombrosa (por São Giovanni Gualberto, em 1036) e outras instituições monásticas como os Cartuxos (São Bruno de Colônia, 1030) e os Cistercienses (São Roberto de Molesmes, 1024-1111) especialmente por seu reformador, São Bernardo de Claraval (1090-1153). Estes monges praticavam o jejum, davam espaço à oração e destacavam o trabalho manual.

2. Renascimento Europeu

A contribuição destas Ordens monásticas para a intensificação da consciência para retornar ao espírito evangélico, combinada com novas perspectivas de vida, ligadas ao nascente fenômeno do "Renascimento Europeu" depois do ano 1000, foi notável.

Um renascimento determinado por vários fatores: desde o fim das invasões bárbaras, do considerável aumento demográfico e do declínio do feudalismo como sistema político, a expansão das cidades, o desenvolvimento econômico e cultural e, de fato, desde o movimento da reforma da Igreja, que estava oprimida por dois males generalizados; a simonia (compra de cargos eclesiásticos) e o concubinato (a violação do celibato eclesiástico). Estes males estavam fortemente ligados à política de interferência na vida da Igreja, tanto por parte do poder político imperial, como por parte dos senhores feudais seculares.

Na luta travada pela Igreja para escapar do poder imperial e recuperar sua liberdade, destacam-se dois Papas - NICOLAU II (980-1061) e especialmente GREGÓRIO VII (1015-1085).

Nicolau II tomou uma decisão enérgica, destinada a eliminar a eleição do Papa entre o Clero, a partir do povo Romano e com a aprovação do Imperador, determinando que somente o colégio dos Cardeais escolheria o Papa (Sínodo de 1059). Esta mudança exacerbou-se entre com o Papa Gregório VII e o Imperador Henrique IV. Foram os principais protagonistas da denominada "luta pelas investiduras", fenômeno que se prolongou durante várias décadas para terminar em 1122 com o acordo de Worms (Chamado também de *Pactum Calixtinum*, foi celebrado entre o Papa Calisto II e o Imperador Henrique V do Sacro Império Romano-Germânico), celebrado em 23 de setembro de 1122, perto de Worms, um compromisso e uma fonte de discórdia futura, mas que, entretanto, marcou o reconhecimento da autonomia do Papado.

1. Da espiritualidade monástica ao nascimento de uma nova espiritualidade.

Mencionamos as Ordens monásticas. Na base de sua proposta vida cristã estava a crença de que a realidade terrena era fonte de perigo espiritual e que somente a relação individual com Deus, vivida na renúncia e austeridade da vida num mosteiro, poderia abrir o caminho da salvação. Uma visão, é claro, oposta à do clero simoníaco e concubinário, dedicado aos interesses mundanos. Embora a ação levada a cabo pelo monaquismo também mantivesse em sua estrutura elementos de contato com o sistema feudal (origem de muitos monges de famílias nobres, nascimento de abadias financiadas muitas vezes, por grandes feudatários que se tornavam benfeitores e recebiam honras e regalias), este ideal de grande fervor religioso, foi capaz de atrair muita gente.

As grandes mudanças ocorridas na sociedade a partir do ano 1000, também tiveram impacto na forma de viver a dimensão religiosa dos leigos; emergindo uma nova consciência, uma sensibilidade mais autêntica, mais próxima da Igreja primitiva, querendo levar o Evangelho à vida cotidiana, a Igreja no mundo e a ideia de que até mesmo os leigos poderiam viver a mensagem do Evangelho em sua vida diária. Um pensamento verdadeiramente novo em comparação com o que se acreditava, ser possível alcançar a perfeição cristã somente no "*contemptus mundi*" (desprezo pelo mundo), aderindo -se a vida monástica ou eremítica, com a rejeição da sociedade e das preocupações mundanas.

O forte desejo de voltar ao espírito do Evangelho, no entanto, produziu em alguns casos, atitudes polêmicas, de oposição à Igreja e à corrupção daquela parte da hierarquia que havia mundanizado sua missão. Movimentos como os Cátaros, os Valdenses, os Arnaldistas, os Humilhados, nasceram como contestação a esse estado de coisas, mas alguns foram muito longe, chegando a apoiar posições doutrinárias consideradas heterodoxas e condenadas pela Igreja como tal (Concílio de Verona, 1184).

2. A tradição penitencial e sua evolução após o primeiro milênio

Na história da Igreja, o movimento penitencial tem origens muito antigas. Incluía aqueles que, depois de escolherem ser batizados, pretendiam conformar sua vida à vontade de Deus, no entanto, a coerência nem sempre foi respeitada. Para aqueles que continuavam cometendo pecados graves, o perdão era possível, desde que realmente mudasse sua vida interior e cotidiana. O comportamento fazendo penitência, consistia em orações, abstinência, esmolas.

... Entrar em "penitência" significava expressar essa vontade durante uma cerimônia pública com a presença do Bispo, aceitando a nova condição de vida, visível a todos: sentando-se na parte de trás da igreja, em posição ajoelhada, a roupa gasta, o cabelo raspado, a longa barba ... Somente depois de ter cumprido o tempo estabelecido para a penitência poderia ser considerado Penitente ou entrar na Ordem dos Penitentes, cujo estilo de vida, além de aceitar o uso de roupas miseráveis (túnica), teria que cumprir com a recusa de realizar trabalhos que pudessem ser prejudiciais para a alma, por exemplo, atividades comerciais e financeiras, assim como participar de festivais e espetáculos populares. Também estavam proibidos de portar armas e participar de guerras.

Outras características da vida do penitente foram o jejum, conforme estabelecido pelas disposições eclesiásticas, particularmente nas três quaresmas anuais – Páscoa, após Pentecostes e Natal; a flagelação voluntária também foi considerada uma pena que substituía outras; a peregrinação, quer dizer, visitar lugares distantes de considerável importância religiosa, foi uma forma de penitência praticada através dos séculos. Outra condição penitencial, que tanto monges quanto leigos podiam escolher, era o eremitismo, o isolamento do mundo para buscar somente a Deus.

3. Os leigos diante da “Fraternidade”

Também houve reflexos das grandes transformações econômicas e sociais na evolução do "estado penitencial", pois não era mais uma "fuga do mundo" em termos individuais para perseguir o ideal cristão, mas sim "estar no mundo", colocando o Evangelho no centro com o propósito de imitar o Cristo pobre e humilde.

Esta dimensão mostrava um ideal tão elevado que foi compartilhado por muitos fiéis leigos, que em algumas realidades deu origem a grupos ou "Fraternidades" de pessoas casadas ou celibatárias que, mesmo sem necessariamente morarem juntos, assumiram o mesmo compromisso com a vida penitencial - "*Propositum vitae*". (Cf. Pe. RIVI, Francisco de Assis e os leigos de seu tempo, Série TAU/2, Rimini 2004, p. 64). A sabedoria do Papa Inocêncio III (1160-1216) para acolher os novos movimentos leigos dentro da Igreja Católica favoreceu os movimentos penitenciais. Foi ele quem reabriu o caso dos Humilhados e os aprovou com a carta de junho de 1201 que continha o "*Propositum*" que regulamentava o estado de vida dos Humilhados. A humildade, paciência, caridade, jejum e oração eram os princípios inspiradores. Portanto, podemos considerar a Terceira Ordem dos Humilhados, uma forma de vida que de alguma maneira precedeu a Ordem Terceira Franciscana.

Este fato abriu o caminho para um novo diálogo entre a Igreja e os novos movimentos pauperísticos do Século XIII e ao aprovar a forma de vida do grupo de Francisco de Assis, Inocêncio III deixou claro que a política da Cúria Romana havia realmente mudado.

Será a extraordinária experiência humana e religiosa de Francisco de Assis que porá fim ao longo processo de renovação do estado penitencial. “Nele é possível capturar ao mesmo

tempo o ápice das mais autênticas aspirações humanas e cristãs dos leigos e da mais luminosa proposta de solução...” (P. RIVI, Francesco d'Assisi ... cit., P. 72). Suas palavras alimentaram um florescimento impressionante de homens e mulheres que sob diferentes formas empreenderão o caminho da perfeição cristã.

4. Francisco penitente

Quando Francisco passa a entender que as seduções do mundo (dinheiro, o sonho de tornar-se cavaleiro, participar das alegres festas de seus companheiros ...) deixam de dar um sentido profundo à sua vida, inicia um caminho interior em busca de um novo estilo de vida que o leva a descobrir e a viver a centralidade do Evangelho.

No início de sua nova experiência religiosa, Francisco sente o chamado da espiritualidade penitencial, como ele mesmo escreve em seu Testamento:

Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para os leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e do corpo. E depois disso, demorei só bem pouco e abandonei o mundo.

Mas a expressão "abandonar o mundo" não deve ser entendida como uma fuga do mundo, para retirar-se para um mosteiro ou viver em uma floresta ou como um eremita: o isolamento em que viviam Francisco e seus primeiros companheiros, peregrinos, não excluiu de forma alguma o contato com o mundo e seu desejo de "moldar-se segundo a forma do santo Evangelho" somente poderia movê-lo na direção de uma vida apostólica, quer dizer, uma vida mais ativa entre o povo”. (G. CASAGRANDE, Uma ordem para os leigos. Penitência e penitentes no século XIII, em Francisco de Assis e o primeiro século da história franciscana, Turim, 1997, p. 238).

É o mesmo Tomás de Celano na primeira biografia (1Cel, 35), que enfatiza que Francisco, que em assunto nenhum confiava apenas em sua sabedoria, mas prevenia tudo com a santa oração, preferiu não viver apenas para si mesmo, mas para aquele que morreu por todos, reconhecendo que tinha sido mandado para conquistar para Deus as almas que o diabo queria arrebatá-las. E se temos que crer em I Fioretti, 16, Francisco tinha certeza disso ao recorrer aos conselhos de Santa Clara e Frei Silvestre. Mas Inocêncio III também o encorajou a continuar na pregação, conforme relatado por Celano (2Cel, 17), que escreve:

Francisco, então, com a autoridade que lhe foi concedida, o santo começou a lançar as sementes das virtudes e a percorrer as cidades e vilas pregando com fervor.

Uma pregação dirigida a todos: homens e mulheres, jovens e velhos, sadios e enfermos, operários e camponeses, nobres e plebeus ..., uma mensagem de conversão e penitência para viver o Evangelho com coerência. O tema da "penitência" é central na vida do Santo e na sua pregação. Qual é o seu conteúdo?

As duas versões da Carta aos Fiéis podem ser consideradas o núcleo de suas "normas de vida e salvação" (A. FREGONA, Ordem Franciscana Secular cit., P. 83) que, a partir do amor a Deus, se concretiza o amor ao próximo e aos inimigos, na misericórdia, caridade, humildade, pureza, simplicidade, desprezo pelo corpo e seus vícios, confissão frequente e comunhão eucarística ... são sinais da vida que Francisco e os seus primeiros companheiros ofereciam no contato com o povo, na pregação, transmitindo serenidade e otimismo, capaz de

despertar um número crescente de pessoas casadas e solteiras que optavam por viver como penitentes, enquanto permanecendo em suas próprias casas, sem renunciar a sua família ou a seu trabalho.

Conclusão

O estado de penitência voluntária, portanto, existia desde a antiguidade e era uma forma de vida que a Igreja reconhecia para aqueles leigos que quiseram abraçá-la e que podia expressar-se de diferentes modos. Diferente, novo e original era o "modo de vida" indicado por Francisco para os leigos, que foi a base do intenso renascimento do movimento penitencial, especialmente no centro-norte da Itália. Um fenômeno tão notável que não pode deixar de ser levado em consideração pela Cúria Romana.

Assim, chegamos à publicação da *Memoriale Propositi* de 1221.